



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS



Anderson Alves dos Reis

**O imaginário folclórico relacionado ao boi (*Bos taurus*
Linnaeus, 1758) na Festa de Reis no município de Araci, Bahia**

Feira de Santana
2026

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Anderson Alves dos Reis

**O imaginário folclórico relacionado ao boi (*Bos taurus*
Linnaeus, 1758) na Festa de Reis no município de Araci, Bahia**

Monografia apresentada à disciplina BIO 617 –
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II, como
parte dos requisitos necessários para a obtenção
de seus créditos e, por conseguinte, do título de
Bacharel em Ciências Biológicas.

Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto

Orientador

Anderson Alves dos Reis

O imaginário folclórico relacionado ao boi (*Bos taurus* Linnaeus, 1758) na Festa de Reis no município de Araci, Bahia

Sob orientação de

Prof. Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto
UEFS – Departamento de Ciências Biológicas

Nota de esclarecimento:

O texto apresentado nesta monografia está publicado conforme a indicação bibliográfica abaixo:

Reis, A. A. dos & Costa Neto, E. M. O imaginário folclórico relacionado ao boi (*Bos taurus* Linnaeus, 1758) na Festa de Reis no município de Araci, Bahia. In: Barbosa, F. **Ensino Pesquisa e Extensão: Saberes Pluralistas e Humanísticos**. Goiânia, GO: Fiat Lux Publishing, 2026, p. 298-307

Monografia apresentada em 11/06/2026

RESUMO

As brincadeiras de boi no Brasil datam do século XIX. Na região Nordeste, eram praticadas por escravizados negros em momentos de descontração. Com o tempo, elas se espalharam por todo o país se mantendo na cultura popular. Dependendo da região do Brasil, essas brincadeiras foram incorporadas a diferentes festividades e épocas do ano. Na Bahia, por exemplo, elas estão ligadas à “Festa de Reis” ou Reisado. No município de Araci, a brincadeira de boi tem registros desde 1825, quando era praticada pelos escravizados do fundador da cidade. Na época, nomeado de “Bumba Meu Boi”, o festejo era feito nas senzalas e se utilizava de pedras e palmas para marcar o ritmo das cantigas. Posteriormente, em 1940, esse movimento cultural foi assimilado à “Festa de Reis” pelos organizadores do evento. Atualmente no município a festa é conhecida principalmente como “Boi de Janeiro”, sendo praticada pelos grupos “Reisado Nossa Senhora da Conceição”, “Reisado do Bom Velho” e por crianças nas ruas da cidade. O presente artigo busca caracterizar o imaginário folclórico do boi no município de Araci e compreender o estado atual do “Boi de Janeiro” na cidade por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com moradores e com os organizadores do festejo.

Palavras-chave: Boi-de-janeiro; Etnozoologia; Patrimônio biocultural; Reisado.

ABSTRACT

The ox-related folk games in Brazil date back to the 19th century. In the Northeast region, they were practiced by enslaved Black people during moments of leisure. Over time, they spread throughout the country and remained part of popular culture. Depending on the region of Brazil, these practices were incorporated into different festivities and times of the year. In Bahia, for example, they are associated with the “Festa de Reis” (Reisado). In the municipality of Araci, records of the ox play date back to 1825, when it was practiced by enslaved people belonging to the founder of the town. At that time, known as “Bumba Meu Boi,” the celebration took place in the slave quarters and used stones and clapping to mark the rhythm of the songs. Later, in 1940, this cultural expression was incorporated into the “Festa de Reis” by the event’s organizers. Currently, in the municipality, the celebration is mainly known as “Boi de Janeiro,” being performed by the groups “Reisado Nossa Senhora da Conceição,” “Reisado do Bom Velho,” and by children in the streets of the town. This article aims to characterize the folkloric imagery of the ox in the municipality of Araci and to understand the current state of “Boi de Janeiro” in the town through semi-structured interviews conducted with residents and with the organizers of the festivity.

Keywords: Boi-de-janeiro; Ethnozoology; Biocultural Heritage; Reisado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
OBJETIVOS	7
MATERIAL E MÉTODOS	8
RESULTADOS E DISCUSSÃO	9
CONCLUSÃO	12
REFERÊNCIAS	13

1. INTRODUÇÃO

De onde vem essa memória humana que nos faz sentir fascínio e medo pelo bicho boi? Quantos infinitos folguedos e festas há no mundo que fazem menção a esse animal? Por que os homens insistem, em todos os cantos do planeta, em brincar com esse bicho, quer seja ele boi manso dançante ou touro bravo esturrante? (Saura, 2008, p. 479).

As brincadeiras de boi no Brasil datam do século XIX, na região Nordeste, praticadas por escravizados negros em momentos de descontração (Feijó, 2011; Santos, 2024). Com o tempo, elas se espalharam por todo o país e se mantiveram na cultura popular. Dependendo da região do Brasil, essas brincadeiras foram incorporadas a diferentes festividades e épocas do ano (Cavalcanti, 2000; Toneto et al., 2018; Abraão, 2022). Na Bahia, as brincadeiras de boi estão ligadas à Festa de Reis ou Reisado e começam no dia 24 de dezembro e se estendem até o dia 6 de janeiro (Abraão, 2022).

Nas brincadeiras de boi – como o bumba meu boi, boi de reis e boi-de-mamão – o animal assume forte dimensão simbólica, representando fertilidade, abundância, renovação e resistência. A narrativa da morte e ressurreição do boi mobiliza elementos dramáticos, cômicos e ritualísticos que atravessam gerações e reforçam vínculos afetivos e identitários. Além disso, tais manifestações integram influências indígenas, africanas e europeias, revelando processos de mestiçagem cultural profundamente associados ao imaginário popular brasileiro (Lourençato, 2015; Seraphim, 2023).

O Reisado reúne música, dança, máscaras, personagens fantásticos e cortejos, criando uma ambiência simbólica em que o sagrado e o profano coexistem. Os cantos, figurinos e performances alimentam memórias coletivas e reforçam sentidos de pertencimento social, permitindo a transmissão intergeracional de conhecimentos e valores culturais. Dessa forma, brincadeiras de boi e Reisado não são apenas formas de entretenimento, mas práticas sociais que preservam patrimônios bioculturais e mantêm vivos os universos simbólicos das comunidades que os realizam (Moura, 2010).

As brincadeiras de boi e o reisado constituem importantes expressões do patrimônio cultural popular brasileiro, especialmente no Nordeste, articulando memória coletiva, religiosidade, teatralidade e pertencimento comunitário. Essas manifestações fazem parte do imaginário social ao permitirem que diferentes grupos recriem simbolicamente suas experiências históricas, seus modos de vida e suas relações com o sagrado, com a natureza e

com a coletividade. Estudos apontam que o reisado e as brincadeiras de boi funcionam como espaços de resistência cultural, nos quais identidades sociais são continuamente reconstruídas diante das transformações da modernidade (Sousa, 2013; Velloso, 2019). Importa esclarecer que o imaginário é uma memória coletiva que permite ao ser humano, enquanto um ser social, elaborar os seus próprios pensamentos a respeito de si mesmo e da realidade que o cerca (Medeiros; Medeiros, 2011). Caracteriza-se como uma herança cultural de uma comunidade e é composto por imagens, signos, valores e interações que possibilitam a criação de ideias sobre o real. Medeiros e Medeiros (2011) acreditam que o imaginário popular pode ser visto como uma memória coletiva mais ampla que contém a própria ideologia enquanto um conjunto de crenças, valores e normas sobre uma dada realidade, uma ferramenta básica que dispõe o ser humano para se construir enquanto ser social.

No município de Araci, no semiárido baiano, o folguedo foi aderido às Festas de Reis em 1940 e até hoje vem sendo praticado por pessoas de todas as idades, mas principalmente por crianças (Silva, 2015). De acordo com Magalhães (2013), o “Boi de Janeiro” tem grande importância cultural para a cidade e se constitui como elemento importante à observação e tentativa de compreensão da dinâmica da sociedade araciense. Santos (2024) comenta que a Folia de Reis é um fenômeno cultural que não pode permanecer desconhecido, sendo muito importante a sua valorização como expressão da cultura popular; entretanto, é perceptível uma diminuição da prática da brincadeira de boi nas ruas, principalmente nos anos posteriores à pandemia do Covid-19 (2022-2024), tendo o retorno da atividade em 2025. Considerando o histórico de luta racial e de classes que as brincadeiras de boi representam (Abraão, 2023; Cavalcanti, 2000; Oliveira, 1986; Magalhães, 2013), torna-se imprescindível a sua manutenção.

Diante do exposto, o presente trabalho busca entender o estado atual do “Boi de Janeiro” no contexto da Festa de Reis na cidade de Araci, investigando o imaginário popular sobre o boi (*Bos taurus* Linnaeus, 1758), enquanto representação da espécie biológica, uma vez que se trata de importante personagem para o folguedo.

2. OBJETIVOS

Objetivo geral:

Registrar o imaginário popular que os moradores do município de Araci, localizado no semiárido baiano, possuem em torno do boi (*Bos taurus*), que é personagem singular na Festa de Reis.

Objetivos específicos:

Caracterizar o estado atual da brincadeira de boi e da Festa de Reis no município de Araci;

Discutir estratégias para auxiliar a manutenção da Festa de Reis no município de Araci.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo

O município de Araci, localizado na região sisaleira a cerca de 210 km de Salvador, possui área de 1.495,24 km². Situado a 272 metros de altitude, Araci tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 11° 19' 58" Sul, Longitude: 38° 58' 1" Oeste. A população é de 48.294 pessoas segundo o último censo do IBGE (IBGE, 2022), sendo a maioria parda (63,3%) seguida por brancos (19,9%) e negros (16,5%). A maioria habita a área rural (51,48%), é alfabetizada (73,16%), porém com o fundamental incompleto (64%). O nome Araci foi retirado do livro "*Ubirajara*", do escritor José de Alencar, e significa, em tupi, "mãe do dia" ou "aurora" (Pinheiro, 2017).

Coleta de dados etnográficos

O trabalho integra uma das atividades do projeto de Pesquisa intitulado "Cartografias museais: mapeando processos educativos no Museu de Zoologia da Universidade Estadual de Feira de Santana" (CAAE 95414326.9.0000.0053). Desse modo, amplia-se a compreensão do papel dos museus para além da conservação de acervos, posicionando-os como espaços dinâmicos de mediação entre saberes científicos e conhecimentos tradicionais. A interação entre educação, patrimônio biocultural e museu possibilita a construção de cartografias sensíveis, nas quais o conhecimento não se limita ao espaço institucional, mas se expande para os territórios culturais e suas práticas. Assim, o estudo da presença do Boi de Janeiro na Festa de Reis contribui para fortalecer abordagens educativas mais inclusivas e contextualizadas, promovendo o diálogo entre ciência e cultura popular e reafirmando o Museu de Zoologia da UEFS como agente ativo na valorização da diversidade biocultural.

Para coleta de dados etnográficos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas tanto com os moradores das principais ruas da cidade onde ocorrem as brincadeiras de boi quanto com os responsáveis pela Festa de Reis. A amostra consta de nove participantes de pesquisa maiores de idade, homens e mulheres, para registrar suas percepções sobre o festejo, se já participaram da brincadeira de boi, qual o significado do "Boi de Janeiro" (personagem) para a festa e quais outras simbologias estão atreladas à imagem do boi/vaca (espécie biológica). Os dados foram analisados qualitativamente levando em consideração todas as informações colhidas durante as entrevistas

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados demonstram que o festejo permanece vivo e amplamente difundido em Araci, envolvendo participantes de diferentes faixas etárias. A maioria dos entrevistados afirmou participar das festividades desde a infância, evidenciando o caráter intergeracional da tradição. Para os moradores, a festa é compreendida não apenas como uma manifestação popular marcada por cantos, danças e diversão, mas também como um símbolo de permanência cultural e resistência frente aos processos de modernização, aspecto frequentemente observado em estudos sobre o bumba-meu-boi e outras manifestações populares brasileiras (Queiroz, 1967; Cavalcanti, 2019). No entanto, a modernidade foi apontada pelos entrevistados como um dos principais fatores responsáveis pelo afastamento das crianças das brincadeiras de boi, sobretudo após a pandemia de COVID-19. Ainda assim, iniciativas como a criação dos chamados “bois mirins” têm contribuído para reinserir as crianças no universo festivo, uma vez que elas passam a participar ativamente da confecção dos bois, fortalecendo o vínculo afetivo com a celebração e ampliando o caráter artístico e lúdico do evento cultural.

Paralelamente, os festejos em Araci revelam-se dinâmicos e adaptáveis ao longo do tempo, incorporando novas atrações, como bandas e grupos musicais, que anteriormente não integravam a programação tradicional. Tal transformação pode ser interpretada como parte da própria capacidade inventiva das tradições populares, que se reinventam continuamente sem necessariamente perder seus referenciais simbólicos (Cavalcanti, 2019). Nesse sentido, Marques (2000) argumenta que o folgado do boi é simultaneamente tradicional e moderno. A dimensão tradicional manifesta-se na preservação das memórias coletivas, dos elementos simbólicos e das referências sagradas que estruturam o cotidiano dos participantes e reforçam o sentimento de pertencimento cultural. Em Araci, essa tradicionalidade é observada nos modos de construção do boi, nos cantos, nas danças e nas brincadeiras de fuga do animal. Já a dimensão moderna relaciona-se às ressignificações estéticas, à criatividade profana e à busca por maior visibilidade e alcance público, aspectos discutidos por estudos recentes sobre performance, estética e pós-modernidade no bumba-meu-boi (Gondim; Cyntrão, 2021). No contexto araciense, isso se expressa na introdução de atrações musicais e em estratégias voltadas para ampliar o interesse pela festa. Assim, tradição e modernidade aparecem como dimensões complementares e necessárias para a continuidade do festejo, desde que as inovações não descaracterizem seus significados originais (Figura 1).



Figura 1. Reisado e a presença do boi em festividade realizada em janeiro de 2026. Fonte: Anderson Alves dos Reis.

O Reisado configura-se, portanto, como o principal e mais significativo movimento cultural do município de Araci, tendo as brincadeiras de boi como elemento indispensável para sua realização. Embora a festa possua raízes ligadas à tradição católica, ela extrapola o âmbito religioso e passa a representar um importante marcador identitário da população local, tal como observado em diferentes estudos sobre o bumba-meu-boi enquanto patrimônio cultural e território de representações sociais (Santos Silva, 2021). Desse modo, o festejo adquire um sentido de pertencimento coletivo, sendo associado ao próprio significado de “ser araciense”. Esse aspecto ficou evidente nas falas dos entrevistados, muitos dos quais consideram a tradição do boi a parte mais importante da festa, frequentemente mais lembrada do que a própria Festa de Reis. Como relatou um dos participantes: “[...] sem o boi não há intenção de ter a festa, porque quando você fala da festa você lembra logo o boi. Você não consegue imaginar a festa sem as brincadeiras de boi”.

Quanto às percepções que os participantes da pesquisa demonstram acerca do elemento biológico “boi”/ “vaca”, registra-se que a vaca está associada à produção de leite; portanto, ao aporte nutricional e à proteção materna. Já a imagética relacionada ao boi mostraram-se mais diversificadas, envolvendo aspectos que remetem à aparência física, força, fonte de carne e outros subprodutos e ao comportamento do animal. Quando questionados sobre sentimentos de medo ou perigo associados a esses bovinos, emergiram dois padrões principais: indivíduos com pouco ou nenhum contato prévio com o animal relataram sentir medo, especialmente do macho

(“Eu geralmente acho ele perigoso, arredo, brabo, amedrontador”). Em contrapartida, aqueles que cresceram convivendo com esses animais afirmaram não sentir receio, exceto em situações específicas, como quando o boi está agressivo ou quando a vaca está protegendo sua cria (“A vaca eu tenho medo sim, principalmente parida”). Esses resultados demonstram que as representações simbólicas construídas pelos moradores estão intimamente relacionadas às experiências cotidianas e às formas de interação estabelecidas com os animais e com os produtos derivados deles, amplamente presentes na vida social e econômica do município.

5. CONCLUSÃO

O Boi de Janeiro, assim como outras manifestações culturais, dialoga com o catolicismo como forma de permanência, se no passado esse movimento cultural originado por escravos foi anexado a um festejo católico para que possa continuar a ser praticado, hoje em dia no município de Araci ele se torna maior que o próprio festejo e os papéis se invertem, agora é a brincadeira de boi que ajuda a manter a tradição viva e torná-la atrativa para as novas gerações. Desta forma o Reisado se mostra consolidado e presente na cidade, mesmo com uma queda momentânea da sua popularidade, a população e os responsáveis pelo evento buscaram novas estratégias para manter a tradição viva no município.

Entretanto, mesmo sendo muito conhecida na cidade, a tradição do Boi de Janeiro se mantém fechada na zona urbana e não consegue alcançar a zona rural e os povoados da cidade, mesmo com uma origem e temática tão voltada para a vida rural, essa e outras práticas culturais acabam não chegando na população rural transformando algo que deveria ser popular em elitizado, mesmo se tratando de uma cidade pequena. Com isso em mente se cabe pensar se algo com tanto “poder cultural”, como as brincadeiras de boi, não deveria alcançar uma população maior, podendo ser um incentivo a educação e a criatividade com a construção dos bois e até mesmo econômica na venda de materiais e outros produtos no período da festa.

O estudo do festejo do Reisado, especialmente na forma do “Boi de Janeiro” em Araci, revela-se fundamental não apenas como registro de uma manifestação cultural, mas como chave interpretativa para compreender a articulação entre sociedade, natureza e memória coletiva. Conforme evidenciado no trabalho analisado, o boi, enquanto elemento central da festa, transcende sua condição biológica e passa a integrar o imaginário popular como símbolo de identidade, resistência histórica e pertencimento social. Nesse sentido, o festejo constitui um importante exemplo de patrimônio biocultural, no qual dimensões ecológicas, simbólicas e culturais se entrelaçam.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, C. F. **O Bumba Meu Boi, O Rancho do Boi da Província da Bahia e a Diáspora Negra**. Repositório de anais da ANPUH-GO, p. 1131/1145-1131/1145, 2022.

CAVALCANTI, M. L. V. C. O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 6, p. 1019-1046, 2000.

CAVALCANTI, M. L. V. C. Bumba meu boi, boi-bumbá: a inventividade das tradições populares. **Política & Trabalho**, n. 49, p. 23-39, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1517-5901.2018v1n49.40926>

FEIJÓ, I. L. C. Boi da Cara Preta: transfiguração do escravo, humanização do boi. **Humanidades em diálogo**, v. 4, n. 1, p. 135-148, 2011. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2011.106194>

GONDIM, L. P.; CYNTRÃO, S. H. As toadas de bumba-meu-boi e o cantador no contexto da pós-modernidade. **Boitatá**, v. 11, n. 21, p. 257-267, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5433/boitata.2016v11.e31267>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022: população e domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=2102011&view=detalhes>. Acesso em: 1 maio 2025.

LOURENÇATO, G. **Reis de Boi**: do popular à religiosidade. *Revista Cronos*, v. 15, n. 1, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/8259>. Acesso em: 13 maio. 2026.

MAGALHÃES, E. M. **Festa de Reis em Araci**. 2013. 64 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso - História) – Universidade do Estado da Bahia, Conceição do Coité, 2013.
MARQUES, E. Tradição e modernidade no Bumba-meu-boi. **Falsa folha de Rosto**, p. 21, 2000.

MEDEIROS, A.; MEDEIROS, C. Os raios no imaginário popular. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 2, n. 3, p. 84-96, 2002. Disponível em;

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4137>. Acesso em: 14 maio 2026.

MOURA, R. 2010. Sobre a indumentária na festa popular: imagens, signos e fantasias. **Textos Escolhidos De Cultura E Arte Populares**, v. 7, n. 1, p., 2010. DOI: <https://doi.org/10.12957/tecap.2010.12139>

OLIVEIRA, A. Festa de Reis em Araci. **Espetáculos Populares e Folclore**, n. 4., 1986. Disponível no site: <https://viladoraso.com.br/festa-de-reis-em-araci.html>. Acesso em: 30 abr 2025.

Pinheiro, P. J. **História de Araci**. Publicado em 18/04/2017. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20210416140849/https://www.viladoraso.com.br/historia-de-araci/>. Acesso em: 14 maio 2026.

Queiroz, M. I. P. de. Sociologia e Folclore - o bumba-meu-boi, manifestação de teatro popular no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, v. 2, p. 87-97, 1967. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i2p87-97>

SANTOS, L. R. S. **O papel da mulher na folia de reis para a manutenção da tradição e cultura popular no norte goiano**. 2024. 41 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso – História) – Universidade Estadual de Goiás, Uruaçu, 2024.

SANTOS SILVA, S. S. S. Boi de máscaras: memória e patrimônio imaterial. **Patrimônio e Memória**, v. 17, n. 2, p. 169-188, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5016/pem.v17i2.3076>

SAURA, S. C. **Planeta de boieiros: culturas populares e educação de sensibilidade no imaginário do bumba-meu-boi**. 2008. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SERAPHIM, Y. M. Análise estrutural das brincadeiras de boi. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, v. 11, n. 2, p. 16-29, 2023. DOI: <https://doi.org/10.15210/tes.v11i2.25845>

SILVA, A. N. C. **Memórias de Araci**. Salvador: Edição do Autor, 2015.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas revista eletrônica**, v. 16, n. 1, p. 1-14, 2015.

SOUSA, L. M. Brincadeira do reisado na modernidade – identidade cultural que navega entre resistência e transformação. **História e Cultura**, v. 2, n. 2, 2013. DOI: <https://doi.org/10.18223/hiscult.v2i2.879>

TONETO, L. C.; UVINHA, R. R.; TRIGO, L. G. G. Leisure, art and dance: the Bumba Meu Boi as a cultural manifestation in the city of São Paulo. **Licere – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 21, n. 1, p. 135-173, 2018. DOI: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2018.1771>

VELLOSO, S. L. V. Arreda Boi: a brincadeira do Boi-de-mamão como resistência e profanação no processo educativo das culturas populares. **Revista NUPEART**, v. 22, n. 2, p. 09-29, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5965/2358092521222019009>